



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O SUSPIRO DO BARRO

Maria Nilza Fernandes Alves*
(UESB)

Wallace Juan Teixeira Cunha**
(UESB)

RESUMO

Este artigo busca abordar o ensino de matemática com ênfase nas manifestações culturais. Focalizamos o artesanato da cerâmica produzida na comunidade rural do Ribeirão dos Paneleiros, na cidade de Vitória da Conquista - Ba, destacando sua forte influência étnica. Com o apoio teórico de pesquisadores da Educação Matemática e dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), no sentido de fundamentar uma proposta de intervenção pedagógica onde se possam contemplar os aspectos culturais e históricos numa visão contemporânea. Em contra partida, refletimos a formação inicial e continuada do professor de matemática na aquisição de competências voltadas para a sobrevivência das tradições e dos saberes do seu grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Etnomatemática. Interdisciplinaridade. Identidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura traduzir uma das ações do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), Subprojeto de Matemática da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) para o Ensino Fundamental, apoiado pela CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), com a coordenação institucional e pedagógica da Professora Ms. Maria de Cássia P. B. Gonçalves e do Professor Ms. Wallace Juan TeixeiraCunha,

* Especialista em Educação Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora da Escola Municipal Ridalva Corrêa de Melo Figueiredo, Bolsista supervisora do PIBID PIBID - CAPES - Secretaria Municipal de Educação. E-mail: nilzafernandes06@yahoo.com.br.

** Mestre em Memória Social, Documento - UNIRIO; Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB Coordenador Pedagógico do Subprojeto de Matemática para o Ensino Fundamental do PIBID - CAPES - UESB. E-mail: wallacejtcunha@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

respectivamente. No período letivo de 2012, foram desenvolvidas oficinas interdisciplinares voltadas para uma abordagem sobre as manifestações culturais, na Escola Municipal Ridalva Corrêa de Melo Figueiredo situada na Av. Jequié, Nº 870 no Bairro Ibirapuera, na cidade de Vitória da Conquista - Ba, com alunos do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental.

Na escolha da temática, buscamos a interdisciplinaridade e um contexto mais presente na vivência dos alunos como estratégia, uma vez que constatamos, através de conversas informais e testes diagnósticos, uma grande defasagem nesta área, como também um “descrédito” no que diz respeito ao seu potencial para aprender a matemática, se trata de uma visão comum entre alunos e professores, de uma matemática difícil e tediosa.

Neste contexto procuramos refletir também a formação do futuro professor na abordagem étnica e cultural dos seus alunos frente aos conteúdos acadêmicos. A escola como espaço formador do docente e da criação de práticas para que essa formação seja contínua são abordados pelos PCN+:

A formação técnica permanente, assim, como a imersão em práticas culturais diversificadas, é uma necessidade de qualquer categoria profissional e dela não há de se excluir o professor. A escola que provê essa formação, de forma institucional, planejada e clara, está cumprindo parte fundamental de seu projeto pedagógico, ainda que parte dessa formação, especialmente no ensino público, pode ou mesmo deve ser provida pelas redes escolares. A participação do professor no projeto educativo da escola assim como seu relacionamento extraclasse com alunos e com a comunidade são exemplos de um trabalho formativo essencial, porque são atividades que poderão construir os vínculos sociais da escola que se deseja. A pesquisa pedagógica, que na formação inicial é vista, em geral, de forma predominantemente acadêmica e quase sempre dissociada da prática, pode, na escola ser deflagrada e conduzida a partir de problemas reais de aprendizado, de comportamento, da administração escolar ou da articulação com questões comunitárias (BRASIL, 2007, apud Haeser, 2013, p. 13).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Destacamos neste estudo o processo de fundamentação e reflexão dos bolsistas do PIBID de Matemática que atuam na Escola Ridalva na busca de competências e habilidades para trabalhar esta área do conhecimento no contexto das questões sociais. Contamos com o apoio teórico das pesquisas de Oliveira (2009) sobre memória e trajetória de comunidades rurais no Planalto da Conquista; os PCN, onde aborda a formação de professores; na Etnomatemática, com Gerdes (1991) e Ubiratan D'Ambrósio (1993), (2005), na percepção do saber/fazer das diferentes culturas étnicas, entre outros.

De acordo com Medeiros (1996), as localidades Batalha Velha Ribeirão dos Paineiros e Lagoa do Arroz, integram as comunidades dos grupos descendentes das tribos nativas que habitaram a Batalha, localidade da zona rural de Vitória da Conquista, onde ainda residem. “Essa trajetória possibilita a recuperação dos saberes tradicionais do grupo, construídos e difundidos ao longo de sua história” (OLIVEIRA, 2009, p. 15).

As comunidades da Batalha, (originado da guerra entre Mongoyós e a tropa de João Gonçalves da Costa), se auto identificam com os indígenas resistentes à colonização. A Batalha velha, como é conhecida atualmente, mantém um forte traço indígena intrínseco ao seio do conjunto da população residente, seja na memória dos habitantes, no aspecto físico das pessoas, na condução dos saberes tradicionais como a fabricação artesanal da cerâmica, especialmente as panelas de barro, o uso de ervas medicinais, a utilização de rezas por meio do “segredo” do líder religioso escolhido para cura de doenças, o costume da caça, da pesca e a fabricação de instrumentos. O território localiza-se a oito quilômetros da cidade de Vitória da Conquista, no distrito rural de José Gonçalves. A região faz divisa com o povoado Pedra Branca, Lagoa de Maria Clemência e com a região denominada Laje do Gavião. A estrada de acesso à Batalha localiza-se do lado oeste do bairro Bruno Bacelar, bairro da periferia da cidade de Vitória da Conquista.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As comunidades do Ribeirão do Paneleiros, da Batalha Velha e da Lagoa do Arroz, compõem um grupo social que se identifica com os indígenas e quilombolas resistentes à colonização. Nesse contexto, as pesquisas afirmam que a contribuição do negro na composição étnica do território que envolve as três comunidades é revelada uma ressignificação grupal, no sentido de compreendermos os seus elementos tradicionais.

No ano 2006 o território foi reconhecido pela Fundação Palmares como quilombola, sendo emitida e entregue a carta de auto reconhecimento.

Maria Elza Oliveira Gonçalves, 52 anos – Paneleira e presidente da Associação do Ribeirão dos Paneleiros e região, é a principal artesã do grupo e mesmo enfrentando dificuldades em continuar com o artesanato em cerâmica, ela mantém essa tradição como a sua principal fonte de renda:

Aqui a gente já conhecia a história [...]. As histórias minha vó mesmo contava para nós como é que foi que acabou com os índios. Ela contava uma história de uma guerra que teve que a mãe dela falou [...] ês passaram muita fome na época de 1899 e aí contava muita história, só que a gente assim, não tinha certeza, né? Mas depois que a gente formou a associação, que veio as pessoas investigar. Assim, a gente veio saber. E foi assim [...] Eu aprendi a fazer panela com minha mãe (Alzira) desde pequena. Comecei a fazer panela com a idade de oito anos. [...]. Agora, aqui nessa região toda, todo mundo sabe fazer panela. Aonde cê pergunta, todo mundo sabe, só num faz por causa que não temo condição, o barro é difícil, tem que pagá frete, compra lenha. Aí no final, num sobra nada. Às vezes tem barro ai em terra dos outros e ês num quer dar, que diz que estiora. As pessoas saíram daqui pró que não tem trabalho, nem prá homem, nem prá mulher.

Mas apesar [...] prá mim, trabalhar com o barro é uma tradição, né? Que a gente vem desde as avó, bisavó, minha mãe. E aí, eu sei que é uma tradição que a gente tem, uma origem. A panela identifica uma origem, é uma descendência. Ai veio assim essa tradição e veio parar até a mim. Ai, eu tô ai fazendo, não sei até quando [...] mas eu sei que é uma história que ficou da nossa família, dos antepassados. Que às vezes eu penso assim: acabar e depois eu volto e penso que tem que guardar pelo menos alguma coisa de origem da família, né? Porque minha mãe não consegue mais fazer por causa da idade. Se for prá ela fazer, ela faz, mas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

num guenta mais. Minha tia também não, porque já tá tudo de idade. E aí os mais novo, eu vou ensinando pros mais novo. Quando eu não aguentar, tem minha filha, que vai ficar né? Ai é assim, uma tradição que passou de geração.

Só que o problema são os fazendeiro, agente não tem barro suficiente para trabalhar, não tem a lenha, água. Aí começou a ficar difícil e muita gente foi embora, aí mora um bocado no Bruno Bacelar.

[...] Aqui mudou muito, o povo foi vendendo as terras, indo embora, ficou só os que güentou [...]. Só que nós temos uma escritura antiga, que mede a terra em sete léguas em quadra, meu primo fala que é um documento bem velho, escrito ainda em letras de forma, mas num tá com nós, não. (Trecho extraído de OLIVEIRA, 2009, p.76 a 78).

Neste ponto Oliveira (2009) destaca dois fatores: a noção de que “o indígena possuía o conhecimento da fabricação de cerâmica e que esse podia ser adquirido, reconfigurado e repassado do grupo, a partir da observância” e a readaptação de usa arte de acordo à necessidade grupal. D. Alzira, 82 anos, paneleira do Ribeirão do Paneleiro (mãe de Maria Elza) confirma essa afirmação:

[...] Agora essas panela aí que cê vê, num era desse jeito, a gente foi inventando [...] antigamente era aquês trem mal feito, que os mais véi fazia prá vender. Só que os índio já era diferente [...] porque ês num lisava a panela, nem pintava com a terra, nem cortava a panela. Do jeito que ês formava, ficava. Só quemava, num forno bem mal feito [...] e as panela dês era uns trem pesado assim, moça, que um mininopiqueno num guentava levantar, não. Gente via o jeito delas na Santa Inês [...] minha mãe aprendeu a fazer panela com a minha vó vendo os caco de panela dos índio da Batalha. Tem mais de 200 anos. (OLIVEIRA, 2009, p.74).

Este relato, configura a possibilidade da “recriação de elementos identitários, culturais e históricos, devido às necessidades novas vivenciadas com as experiências coloquiais, reformuladas a partir das relações com vários grupos étnicos e sociais que contribuíram para a formação desses processos inter-étnicos” (OLIVEIRA, 2009, P. 75).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A transformação da argila em artefatos identificam a recriação e ressignificação, componentes da tradição de um grupo, preservada em cada objeto produzido, cujo significado vai além da definição de artesanato, mas revela em sua manifestação intrínseca, a composição de uma identidade, como é possível perceber nos relatos da Sra, Alriza e Maria Elza (mãe e filha).

Numa abordagem sobre cultura, Knijnik e Wanderer (2004, apud FERRETE, 2005, p. 95), a cultura não é fixa, existe uma constante redescoberta de valores e características culturais que são agregadas a essa prática, resultado de um conjunto de práticas e significação que estão constantemente se reatualizando e se refazendo. Assim sendo “o artesão que apenas imita uma técnica de produção conhecida, não está fazendo muita matemática. Mas, o artesão que descobriu a técnica, faz matemática, desenvolveu a matemática, pensou matematicamente” (GERDES, 1991b, p. 63). E nesse processo exemplificamos as paneleiras do Ribeirão do Paneleiro no dizer de D. Alriza: “Agora essas panela aí que cê vê, num era desse jeito, a gente foi inventando, antigamente era aquês trem mal feito, que os mais véi fazia pra vender. Só que os índio era diferente, porque ês num lisava a panela, nem pintava com a terra, nem cortava a panela...”. Foi à partir das novas exigências e necessidades que o grupo foi (re)construindo sua arte e tornando uma prática.

Os artesão dessa prática produzem conhecimento, fazem matemática de uma forma mais intensa do que se fizessem somente cópias de cerâmicas arqueológicas. No processo de transformação da cerâmica arqueológica para a atual, não ocorreu um movimento de simples assimilação, na qual pudéssemos destacar que a cerâmica arqueológica fosse a original, enquanto que a outra fosse uma simples cópia. Podemos afirmar então que as ceramistas (pateleiras) se destacam por um comportamento de (re) apropriação de sua prática cultural, agregando nesse processo novos elementos. Esse processo é caracterizado por Knijnik e Wanderer (2004, p.146 apud FERRETE, 2005, p. 97) como um processo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de “hibridação cultural”, dando origem a uma nova cultura. Nesta abordagem, a concepção de cultura é:

Possibilita compreender a cultura como uma produção humana que não está de uma vez por todas fixa, determinada, fechada, nos seus significados. Este modo de conceituar cultura implica em vê-la como um terreno conflitado, tenso instável, minado por uma permanente disputa pela imposição de significados. Operar com essa concepção de cultura implica em considerar as práticas matemáticas nativas, não como um corpo e conhecimentos ‘tradicionais’ que de modo congelado é transmitido de geração a geração. Este posicionamento teórico demarca uma diferença importante em relação ao entendimento, muitas vezes dado à etnomatemática, quando os saberes dos grupos não hegemônicos são examinados como homogêneos, juntos, como uma bagagem cultura (KNIJINIK E WANDERER 2004, p.146 apud FERRETE, 2005, p. 97)

Nesta perspectiva, as pesquisas de Gerdes (1991b), indicam que cada cultura possui seus costumes e sua própria maneira de entender o mundo e conseqüentemente, sua forma peculiar de resolver os problemas do seu cotidiano. Desse modo, para que seja possível levar essas práticas matemáticas para o ensino da matemática escolar é necessário reconhecer o seu caráter matemático, pois alguns conceitos, como métodos de contagem tradicionais como, nós em cordas, pedras, sistemas de numeração ou medidas são imediatamente reconhecidos, enquanto que outros não o são.

As pesquisas Gerdes, (1991a) indicam que na história da humanidade diferentes povos desenvolveram seu pensar e suas práticas matemáticas para resolverem os mais variados problemas que surgiam no seu convívio diário, gerando estratégias matemáticas a partir das atividades do cotidiano. Os olhares antropológicos e cognitivos, dados aos saberes matemáticos gerados no contexto sociocultural definem a identificação de técnicas ou habilidades e práticas, utilizadas por distintos grupos culturais para conhecer, entender e explicar o mundo que os cerca, a realidade a eles sensível, o manejo dessa realidade em seu



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

benefício, e no benefício de seu grupo, o que nos conduz a valorizar o contexto sociocultural, quando necessitamos buscar apoio nesses saberes para ampliar nossas possibilidades metodológicas de ensino. Segundo o autor, devemos entender a matemática como uma estratégia desenvolvida pela espécie humana ao longo de sua história, utilizada para explicar, entender, manejar e conviver com a realidade sensível e perceptível, naturalmente dentro de um contexto natural e

No ano de 2012 os bolsistas de matemática aplicaram duas oficinas na Escola Ridalva com a temática cerâmica: a primeira interdisciplinar num trabalho conjunto com os bolsistas de Língua Portuguesa com alunos do 5º e 6º ano. Os alunos tiveram a experiência de manusear e modelar o barro, conhecer o torno e todo o processo, que envolve a coleta, limpeza, queima e dados como custos, transporte, produção comércio, relatados pelo Sr. Marcos dono da olaria. Partido deste estudo, buscamos conhecer uma olaria artesanal, situada no povoado do Ribeirão, moradia de alguns alunos da Escola Ridalva. Conhecemos a Senhora Maria Elza Gonçalves, conhecida como D. Maria mesmo tempo em que suas mãos habilidosas e experientes dá forma ao barro, ela fala de sua descendências e das dificuldades em comercializar a restrita produção. No terreiro, ambiente natural, lugar onde produz os seus artefatos (onde se encontra manuseando sua matéria prima), começamos a explorar as formas geométricas, como circunferências, círculo, comprimento de circunferência, esfera, medidas. Fazemos questionamentos, comparações, levantando hipóteses, e os alunos respondem fazendo associação com objetos e utensílios da sua convivência.

De uma forma surpreendente e intuitiva, de sua longa experiência, Maria Elza pergunta para os alunos: Deste punhado de barro, posso formar um pote de quantos litros? Qual é o peso deste barro? Várias respostas diferentes foram dadas pelos alunos e ela pacientemente vai argumentando, corrigindo e complementando as colocações dos alunos. “Essa quantidade não dá para 5l, por que ficaria sem resistência”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Voltamos para a sala de aula, estudando os entes geométricos, as formas geométricas, especialmente os corpos redondos, volume, as unidades de medidas mais usadas, procurando estabelecer relação de proporcionalidade entre peso e capacidade, entre outros.

Desta experiência de oficina com o artesanato da cerâmica na comunidade do Ribeirão dos Paneleiros nos deparamos com a questão da escola como espaço de reflexão e diálogo no sentido de atender às demandas sociais. Que estratégias para formação dos professores serão necessárias para a aquisição de competências para uma abordagem voltada para os saberes no contexto da etnomatemática? Silva (1995), em sua pesquisa, voltada para uma proposta de ensino preocupada com as questões indígenas acrescenta que:

Por que escolhemos, como interlocutores, a escola, os alunos, os professores? Porque a escola é, exatamente, espaço de troca, diálogo, descobertas, convivências. E ela abriga - especialmente a escola pública - uma fantástica riqueza em diversidade. Tão rica e tão fantástica que, por vezes, chega a assustar: como lidar, numa escola pública de uma grande cidade, por exemplo, com as diferenças de hábitos, de concepções, de formação, de expectativas, de origens regionais, de cor, de religião, de cultura entre os alunos, nas situações concretas do dia-a-dia? [...] Tudo isto descreve desafios e vivências que tem, cotidianamente, lugar na escola. Ela é o *nosso* mundo, para nós, que somos professores, estudantes, diretores, supervisores, secretários, orientadores. Os projetos de futuro do país, do mundo podem bem começar por este *nosso* mundo... (SILVA, 1995, p. 18).

Conhecer e compreender mais profundamente o pensamento destas comunidades auto declaradas quilombola e descendência indígena, é uma “forma de contribuir para a formação de professores que irá atuar num ambiente plural - onde diferentes povos e culturas se relacionam cotidianamente e onde se torna importante e necessário desnaturalizar práticas discursivas que contribuem para a manutenção das desigualdades” (COSTA, 2007, p.28), o autor destaca ainda que na formação dos professores não se discute de forma sistemática o ensino de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

matemática para populações diferenciadas e tampouco a discriminação e a violência por eles sofrida. Buscar novas formas de matematizar e educar, nos leva a questionar a supremacia da matemática acadêmica e da matemática escolar, na instituição escolar, onde Knijnik (2008, p. 54) se refere à “necessidade de construir um processo pedagógico que busque uma negociação cultural, em que se faça o trânsito entre os saberes”, no caso de grupos culturais e da matemática escolar.

CONCLUSÕES

Em todo este processo de reflexão e discussão em torno da ação pedagógica voltada para as manifestações culturais da região da Batalha, sentimos a necessidade da pesquisa, da busca pelo conhecimento histórico, social e filosófico dos saberes deste grupo que anseia por reconhecimento e valorização da sua identidade. Apesar de ter como alunos, os filhos destas comunidades, os aprendizes, que de certa forma, irão repassar sua cultura para outras gerações, na comunidade escolar não há uma ação mais específica, direcionada a discussão e a compreensão dos “saberes presentes na prática cotidiana”, como defendidos por D’Ambrosio (2005). Logo, temos como um grande desafio, e, com o olhar numa perspectiva maior e possível, que é a qualidade no ensino da rede pública, ações efetivas de monitoramento de pesquisa e de intervenção no sentido de alcançarmos não apenas melhores índices de aprovação, mas que também possamos superar esta “barreira” que é a distorção idade série e a evasão escolar, que ainda persiste em percentual maior em jovens da zona rural. Temos a perspectiva de que este caminho será menos longo e tortuoso com a presença da Academia nas instituições de ensino, onde a formação especializada se torna fundamental como orientador de uma ação conjunta em busca de um país de menos desigual, onde todos os seus jovens têm as mesmas oportunidades.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves. A etnomatemática da alma A'uwe-xavante em suas relações com os mitos. 2007. 207f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/teses/etnomatemtica-alma-auwe-xavante.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2013.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. 5. ed. São

Paulo: Ática, 1993.

_____. **Etnomatemática**– elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERRETE, R. B. Práticas Etnomatemáticas no Liceu do Parcuri: A propósito dos ornamentos geométricos da cerâmica. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN, 2005. Disponível em:http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_arquivos/9/TDE-2006-11-17T054703Z-392/Publico/Rodrigo BF.pdf. Acesso em 16 abr. 2013.

GERDES, P. **Cultura e o despertar do pensamento geométrico**. Maputo-Moçambique: Instituto Superior Pedagógico, 1991a.

_____. **Etnomatemática**: cultura, matemática e educação. Moçambique: Instituto Superior Pedagógico: 1991b.

HESER, V. Práticas de ensino com ênfase na resolução de problemas e sua aplicação no cotidiano. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/129314152/Praticas-de-ensino-com-enfase-na-resolucao-de-problemas-e-sua-aplicacao-ao-cotidiano>. Acesso em: 10 mar. 2013.

KNIJNIK, Gelsa. **Educação Matemática, culturas e conhecimento na luta pela terra**. Revista Brasileira de Educação. Vol. 13. Rio de Janeiro. Sept/Dec. 2008. Bolema, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300011. Acesso em: 16 abr. 2013.

KINJNIK, Gelsa; DUARTE, Glavam Claudia. Entrelaçamentos e Dispersões de Enunciados no Discurso da Educação Matemática Escolar: um Estudo sobre a Importância de Trazer a “Realidade” do Aluno para as Aulas de Matemática. *Rio Claro (SP)*, v. 23, nº 37, p. 863 a 886, dezembro 2010. Disponível em:<<http://www.google.com.br/#output=search&sclient=psy-b&q=Entrela%C3%A7am>

entos+e+Dispers%C3%B5es+de+Enunciados+no+Discurso+da+Educa%C3%A7%C3



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A3o+Matem%C3%A1tica+Escolar:+um+Estudo+sobre+a+Import%C3%A2ncia+de
+Trazer+a+%E2%80%9CRealidade%E2%80%9D+do+Aluno+para+as+Aulas+de+
Matem%C3%A1tica&oq=Entrela%C3%A7>Acesso em: 16 abr. 2013.

MEDEIROS, R. H. de A. Recomendação ao bandeirante. Fifó, Vitória da Conquista.
p.8

Disponível em:
<http://www.geocities.ws/ruyhmedeiros/recomenaobandeirante.html>. Acesso em:
16 abr. 2013.

OLIVEIRA, R. F. **Referências e Identidades Indígenas na Batalha**: memória e
trajetória de comunidades rurais no Planalto da Conquista. Monografia de Final de
Curso, UESB. 2009.

SILVA, A. L. **A Temática Indígena na Escola**. Global Editora. São Paulo, 1998.
Disponível em: <http://www.pineb.ffch.ufba.br/downloads/1244392794A_Tematica_Indigena_na_Escola_Aracy.pdf>Acesso em: 16 abr. 2013.

TANAJURA, M. História de Conquista: Crônica de uma cidade. Vitória da Conquista:
Brasil Artes Gráficas, 1992.